

## As mídias radicais e suas influências na organização política da juventude em Bauru<sup>1</sup>

Isabela Holl Cirimbelli Grossi Parreira/ Juarez Tadeu de Paula Xavier  
Universidade Estadual Paulista: Júlio de Mesquita Filho (UNESP)<sup>2</sup>

### Resumo

O Brasil, durante o ano de 2013 e o ano de 2016, passou por agitações e manifestações sociais. Durante esses eventos foram realizadas coberturas midiáticas e a produção de conteúdo esteve ligada a duas formas de mídia: a corporativista e a radical. Segundo John Downing (2002), as formas de mídia radical são as que contrariam o *status quo* de determinada sociedade e são produzidas por grupos subalternos que procuram uma forma alternativa de veicular seus conteúdos. Esta pesquisa tem como objetivo fazer a leitura da cobertura feita por ambas as mídias na cidade de Bauru (SP), durante os períodos de Junho de 2013 e Outubro de 2016. Para poder estabelecer se há um padrão nas formas de conteúdo que são veiculadas por essas mídias e, também, observar repercussões em 2016 das experiências de 2013. Para análise e comparação serão utilizados as edições do “Jornal da Cidade” de Bauru, conteúdos online do “Coletivo Fora do Eixo” e páginas online feitas pelos agentes envolvidos.

**Palavras – chave:** mídia radical, mídia empresarial, protestos, ocupações, Jornalismo

### Corpo do trabalho

Em Junho de 2013 o Brasil viveu uma conturbada efervescência social. Durante o período, reivindicações sociais começaram a ser demandadas por parte da população brasileira e a Copa das Confederações acabou incitando, ainda mais, um cenário de indignação social. A internet se tornou uma ferramenta para essas pessoas, que expunham argumentos críticos aos gastos com a infraestrutura de estádios e com as alterações legislativas promovidas pela “FIFA”. A “Agência Pública” em parceria com a “Mídia NINJA” produziu em Maio um Infográfico intitulado “Erros da Copa”<sup>1</sup>, no qual ressaltava violações dos direitos humanos realizadas na época.

Em Salvador (BA), no dia 5 de Abril de 2013, como ensaio de uma série de manifestações que ainda estavam por vir, um grupo de mulheres protestou contra a decisão da “FIFA” de proibir a venda de Acarajé próximo ao estádio. Nesse cenário de insatisfação popular, o aumento da tarifa de ônibus serviu como estopim, provocando uma série de protestos em todo o país. O primeiro foi organizado pelo “Movimento

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã - "O direito à comunicação na luta por uma cidadania ativa", realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora, MG, de 25 a 27 de outubro de 2017.

<sup>2</sup> Isabela Holl Cirimbelli Grossi Parreira, aluna de graduação do curso de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo da Universidade Estadual Paulista: UNESP, Bauru (SP), [isabelaholl@gmail.com](mailto:isabelaholl@gmail.com), pesquisadora da iniciação científica com bolsa FAPESP./ Juarez Tadeu de Paula Xavier, Professor Doutor do curso de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo da Universidade Estadual Paulista: UNESP, Bauru (SP), [jxavier@faac.unesp.br](mailto:jxavier@faac.unesp.br), orientador da iniciação científica.

Passe Livre” (MPL), no dia 6 de junho, em São Paulo, que reuniu cerca de 4 mil pessoas para se manifestar contra o acréscimo da tarifa. Em duas semanas os protestos aumentaram de forma inesperada, já havia 1,4 milhão de pessoas espalhadas por aproximadamente 120 cidades brasileiras.

As coberturas de mídia dessas manifestações foram compostas pela mídia corporativa, tanto em âmbito nacional quanto regional, e também pela mídia radical. São consideradas como mídia radical conteúdos organizados por camadas subalternas da sociedade, que divulguem informações contra o *status quo* (DOWNING, 2002). Durante o ano de 2016 também ocorreram manifestações sociais por todo o Brasil, como as ocupações realizadas pelos estudantes de escolas públicas. As reivindicações propostas por eles eram, majoritariamente, contra a reforma do Ensino Médio e contra a PEC 241, que depois foi renomeada para PEC 55 e prevê cortes econômicos nas verbas da educação brasileira. Novamente, as coberturas midiáticas foram realizadas tanto pelas mídias empresariais quanto pelas mídias radicais, essa organizada pelos próprios estudantes que divulgaram conteúdo sobre o movimento em páginas da internet.

Esta pesquisa está em fase de seleção de conteúdo, que tem como base as edições do “Jornal da Cidade” de Bauru (SP) e as narrativas veiculadas pelas mídias radicais como a “Mídia NINJA”, pelo “Coletivo Fora do Eixo” (FDE) e pela página “Movimento Estudantil Secundarista de Bauru”. Esses conteúdos serão analisados qualitativamente visando realizar uma comparação entre os dois anos (2013 e 2016), estudando, assim, a evolução dos acontecimentos e das coberturas produzidas.

Os dados são preliminares, pois ainda não estão em fase de análise, mas é possível perceber fortes indícios da influência dos acontecimentos registrados em 2013 pela mídia radical, e as ações de 2016. Também é possível constatar que os coletivos de mídia radical na cidade de Bauru, participaram dos acontecimentos não só veiculando a cobertura dos acontecimentos, mas também convidando as pessoas para encontros, debates e protestos.

## Referências

- BECKER, B. MACHADO, M. *Brasil entre as telas e as ruas: produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013*. *Discursos Fotográficos*, v. 10, n. 17, p. 39, 2014.
- OLIVEIRA, J.; ARAÚJO, B.; SILVA, L. *Panorama da economia criativa no Brasil*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ipea, 2013.
- BRONOSKY, M.; CARVALHO, J. *Jornalismo e convergência*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- MARCONDES FILHO, C. *A saga dos cães perdidos*. 2ª Ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ROSSI, C. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. *Jornalismo pós-industrial: adaptação*

*aos novos tempos. Revista de Jornalismo da Espm: edição brasileira da Comlumbia Journalism Review, São Paulo p.30-89, abr./jun., 2013.*

*SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.*

*DOWNING, J. Mídias radicais: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.*

*VAINER, C. et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas no Brasil. 1ª Ed. São Paulo: Carta Maior, 2013.*

*TREVISAN FOSSÁ, M. I. Das ruas à mídia: representação das manifestações sociais. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora Universitária da PUCRS, 2015.*

*CASTELLS, M. La galáxia internet. 1ª Ed. Barcelona: Plaza & Janés, 2001.*

